



ENSAIO



Violência e Subjetividade: relações entre o transfeminicídio e o conceito de sintoma em psicanálise

Vladimir Bezerra, *Universidade Federal Rural de Pernambuco e Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira/Fiocruz*

Resumo. Neste ensaio teórico defende-se a hipótese de que a violência - para além de uma questão histórico-social - está profundamente entrelaçada com as dinâmicas complexas do inconsciente humano; defende-se a hipótese de que o transfeminicídio também pode ser compreendido como um fenômeno que transcende a dimensão puramente social, de base imperial-colonialista-patriarcal, inscrevendo-se também no campo das subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Transfeminicídio. Subjetividade. Violência.



Introdução

Este ensaio teórico, oriundo de uma tese de doutorado defendida em 2023, tem como principal objetivo refletir sobre a violência de gênero, mais especificamente a violência contra travestis e mulheres trans no contexto brasileiro.

Inicialmente, a partir de uma revisão bibliográfica de bases sociológica e psicanalítica que privilegiam autores sul-americanos em direta interlocução com autores clássicos, propõem-se algumas reflexões que se aprofundam sobre a relação entre o fenômeno da violência e os conceitos de subjetividade e sintoma.

Em linhas gerais, reconheço ao longo de meu percurso acadêmico as dificuldades do diálogo entre a sociologia e a psicanálise (DUARTE, 2017); contudo, ao longo deste ensaio, autores sul-americanos demonstram como se faz necessário ultrapassar determinadas limitações epistemológicas para que se possa avançar na discussão e entendimentos sobre a violência de gênero.

Um segundo ponto vale destaque. Como profissional da psicologia – me incluo em diversos questionamentos e anseios ao tratar da questão das transexualidades seja em pesquisa acadêmica, ou em meu percurso clínico; diante de uma trajetória que privilegiou a pesquisa e o atendimento de algumas mulheres trans e travestis vítimas de violência, e também no afã de compreender angústias que se apresentam no setting analítico de ambos os lados, tenho me deparado cada vez mais com a necessidade de levar minha prática clínica e pesquisas para além das quatro paredes do consultório e da teoria psicanalítica.

Isso não é inédito, mas parece essencial a acadêmicos, psicólogos, psicanalistas e cientistas sociais envolvidos com o tema.

O artigo "*Unthinkable Anxieties: Reading Transphobic Countertransferences in a Century of Psychoanalytic Writing*"¹ de Griffin Hansbury (2017) ajuda a pensar os desafios do tema, especialmente entre analistas cisgênero ao longo de um século de literatura psicanalítica sobre pacientes transgênero.

¹ Tradução livre: Ansiedades Impensáveis: Lendo Contratransferências Transfóbicas em um Século de Escrita Psicanalítica.

Hansbury identifica quatro ansiedades "impensáveis" que frequentemente surgem entre alguns pesquisadores ao se trabalhar com pacientes transgênero: medo de ser enganado e se tornar homossexual, de perder sua identidade de gênero, de sentir que seu corpo está se desintegrando e de enlouquecer. Essas ansiedades, muitas vezes inconscientes, podem levar a reações defensivas prejudiciais, como insistir na binaridade de gênero e negar a realidade de pessoas trans.

O artigo de Hansbury também explora como a psicanálise evoluiu – ao longo das décadas – para modelos relacionais e intersubjetivos, permitindo maior reflexão sobre a experiência de análise no *setting* e promovendo uma abordagem mais transformadora ao abandonar a obsessão com a etiologia ("Por que trans?"), para focar na experiência subjetiva ("Como trans?"), promovendo um *setting* analítico de troca e compreensão mútua entre analistas cisgênero e pacientes transgênero.

As ciências sociais também têm ajudado neste processo.

O ponto de partida para este trabalho é o caso da travesti Dandara, assassinada no ano de 2017 na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, no Brasil; sua morte chocou o mundo quando o vídeo de sua execução, gravado por um dos homens envolvidos no crime, viralizou nas redes sociais 18 dias após a sua morte.

As fortes imagens mostravam Dandara ensanguentada no chão, recebendo pauladas, chutes e sendo xingada por pelo menos outros quatro homens. Três tiros fatais, em praça pública, encerraram sua vida.

Durante o período do doutorado sanduíche em Portugal entre os anos de 2021 e 2022, busquei no convívio com mulheres trans e travestis, e com alguns homens que se relacionavam com elas, alguns entendimentos sobre suas dinâmicas sociais e privadas; o conjunto de achados publicados na tese em 2023 também auxiliam lateralmente este ensaio.

Conforme indica a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2025) no seu mais recente dossiê sobre violência, em relação aos dados absolutos dos últimos 8 anos produzidos desde 2017 no Brasil, foi possível mapear um total de 1179 assassinatos de pessoas trans, travestis, homens trans, pessoas transmasculinas e não binárias brasileiras.

Somente em 2024 foram registrados impressionantes 122 assassinatos no Brasil.



O Brasil guarda outra importante peculiaridade; além de ser o país que mais mata, é o país que mais consome pornografia travesti e trans no mundo por anos consecutivos². Na América do Sul, é o país que mais busca pelos termos “travesti” e/ou “trans”.

O país sempre teve corpos adultos que desafiam as normas – na mídia: programas de auditórios com apresentações de “transformistas”, reportagens policiais sensacionalistas, bailes de carnaval televisionados. Nos jornais impressos: anúncios sexuais.

No entanto, hoje há uma presença de travestis e pessoas trans sem precedentes na sociedade e na família, indo além dos espaços subalternos e caricatos. A universidade pública é um desses lugares de presença. A mensagem é clara: “estamos aqui e merecemos nosso lugar na sociedade!”.

Tais constatações estimulam um questionamento central: é possível pensar a violência para além do campo histórico-social, dos atos cruéis e das estatísticas, incorporando aspectos da subjetividade ao tema?

Defende-se neste ensaio a hipótese de que o fenômeno da violência transcende a visão histórica e social, para também entrelaçar-se em complexas dinâmicas do inconsciente humano; ponto que será apresentado a seguir.

Gênero, Sexualidade e Subjetividade: a ótica clássica no Norte versus o Sul Global

O conjunto dos principais (e já clássicos) estudos sobre sexualidade indica que o gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre o sexo, e também como uma forma de dar significado às relações de poder desiguais em determinados contextos sociais (FOUCAULT, 1976, 1984, 1982; BUTLER, 1990; SCOTT, 1989).

² Segundo dados recentes do website *Pornhub*; o *Pornhub* pertence a Aylo (anteriormente conhecida como MindGeek), um conglomerado canadense de entretenimento adulto. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2025-year-in-review#more-23405>. Acessos em 05 Jan 2026.

De um modo geral, os autores abordam a sexualidade e o gênero, não como algo inato ou natural, mas como um construto social e histórico que revela uma infinidade de dimensões subjetivas.

Michel Foucault (2012), por exemplo, através de uma metodologia de pesquisa genealógica/arqueológica, desafia as concepções tradicionais de poder como uma força meramente repressiva, exercida de cima para baixo por uma autoridade central; em vez disso, o autor propõe que o poder representa uma força difusa, que circula por toda a sociedade e que, de fato, é criativo, produzindo conceitos, moldando identidades, comportamentos e subjetividades (FOUCAULT, 1984; 1984a).

No conjunto do pensamento foucaultiano sobre o gênero, o senso interno de ‘ser homem’ ou ‘ser mulher’, ou qualquer outra identidade de gênero, não é um dado inerente, biológico ou puramente pessoal; pelo contrário, ele está profundamente entrelaçado com - e é produzido por - expectativas sociais, práticas disciplinares e os discursos que definem uma determinada masculinidade e feminilidade. Essas forças pressupõem sujeitos universais e ativamente constroem subjetividades generificadas.

Nesse sentido, o pensamento de Pierre Bourdieu (1998) também auxilia pensar a violência de gênero no campo das subjetividades; para o autor, a subjetividade não é uma característica puramente individual, isolada da sociedade. Pelo contrário, ela é construída e moldada pelas estruturas sociais em que o indivíduo está inserido. O conceito central para entender essa visão é o de *habitus*.

Para Bourdieu (1998), o *habitus* é um sistema de disposições que sobrevive ao longo dos tempos, disposições internalizadas que o indivíduo adquire ao longo de sua vida, através da socialização; portanto, o “hábito” (tradução livre) funciona como uma espécie de natureza secundária que orienta as percepções, pensamentos e ações das pessoas de maneira não consciente.

O *habitus* expressa, segundo o autor, a história do indivíduo e de seu grupo social de forma incorporada, tornando-se parte do modo como a pessoa se move, fala e pensa; isto é, o hábito comunica o modo como o sujeito se inclui no mundo, representando um reflexo das experiências sociais e das posições ocupadas pelo indivíduo nos diferentes campos da vida: social, acadêmico, artístico, econômico, etc.



Em exemplos claros, a família, a escola, a religião e outras instituições sociais atuam como máquinas simbólicas que ratificam e reproduzem, ensinam e reforçam as divisões de gênero desde a infância.

As perspectivas dos autores deslocam a análise sobre as subjetividades para as formas complexas pelas quais as estruturas sociais e as dinâmicas de poder permitem, restringem e produzem o que é possível para os indivíduos serem e fazerem, incluindo como eles incorporam e expressam seu gênero; isso destaca que mesmo aspectos aparentemente pessoais da identidade são profundamente sociais, políticos e subjetivos (BEZERRA, 2023, 2024).

Judith Butler (1990) vai além e sugere adicionalmente que o gênero (para além da visão foucaultiana) é uma ação contínua e estilizada constituída por atos repetidos que criam a ilusão de uma identidade estável. Aqui, destaca-se como Butler valoriza a filosofia e a psicanálise - inclusive através de suas críticas a Jacques Lacan -, como ferramenta essencial para entender como as posições sexuais são assumidas e performadas, e como as normas de gênero são internalizadas inconscientemente, moldando a subjetividade desde antes do nascimento.

Mais adiante, é Joan Scott (1989) que indica que o gênero ergue-se não de forma binária (por exemplo, na ideia de homem-mulher), mas na diversidade de instituições. Para Scott, ao se refletir sobre gênero parece importante considerar os símbolos que constituem representações, conceitos normativos, a identidade subjetiva, prescrições religiosas, e jurídicas; isto é, o gênero ao longo das últimas décadas tem se apresentado como uma categoria relacional (SCOTT, 1989; MEDRADO, 2008).

O Sul Global e sua importância na análise subjetiva da violência

No campo da psicanálise e seu complexo diálogo com as Ciências Sociais, Rita Segato (2003) e Rodrigo Parrini (2014) servem de base para as reflexões destes escritos sobre o entrelaçamento entre a violência e as subjetividades.

Para Segato (2003), a violência configura-se como um sintoma da barbárie do gênero moderno (SEGATO, 2003), que vitima corpos

femininos e feminizados em um ciclo de crueldade histórico e ainda expansivo. Parrini (2014), por sua vez, faz uma análise da violência e do desejo, explorando como o que chama de '*falotopía*' se manifesta em redes de poder onde a apropriação de espaços e a imposição de modos de vida ocorrem através da violência e da dominação masculina.

Tanto Segato, quanto Parrini parecem dialogar diretamente com o pensamento não apenas de Bourdieu (1998), mas de Daniel Welzer-Lang em "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia" (2001).

Welzer-Lang (2001) reflete, a partir das definições de homofobia e de heterossexismo, como os esquemas, o *habitus*, o ideal viril, homofóbico e heterossexual constroem e fortalecem a identidade e a dominação masculina sobre o mundo, e mais especificamente sobre as mulheres. Ainda para o autor, a dominância coletiva e individual sobre as mulheres se exerce em diferentes camadas (privada ou pública) e confere aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos.

De um modo geral, Segato e Parrini, em conversa direta com Bourdieu e Welzer-Lang, propõem uma estrutura subjetiva para a violência (simbólica e física), fenômeno que organiza as relações sociais, tece tramas subjetivas, perpetua ações violentas orientadas à conquista de espaços, e à retomada de masculinidades "danificadas" (SEGATO, 2003, p. 37) por meio de violações (PARRINI, 2014).

Outros autores que também consolidam a base de entendimento sobre a influência de uma educação patriarcal-colonial-imperialista na relação entre gênero, também dão destaque às subjetividades engendradas pela cultura.

Carla Akotirene (2018), Gary Barker (2016) e Raewyn Connell (2005, 2017) indicam aspectos importantes de como o colonialismo e o imperialismo moldaram as estruturas de opressão que afetam profundamente as identidades de gênero, raça e sexualidade em todo o mundo.

Medrado e Lyra (2008), Adriano Beiras e Marcos Nascimento (2017), especificamente sobre o contexto brasileiro, também discutem a violência contra mulheres como uma questão estrutural, enraizada em relações de poder e desigualdade de gênero; no conjunto de trabalhos dos autores, é destacado que essa violência é legitimada por normas patriarcais e culturais que perpetuam a subordinação das mulheres (BEZERRA, 2023).



No Brasil, a articulação entre as ciências sociais e a psicanálise se dá através de autores como Pedro Ambra (2021), Maria Homem e Contardo Calligaris (2019); os autores conjugam a teoria psicanalítica com a discussão sociológica das masculinidades na contemporaneidade ao passo que admitem que respostas violentas de homens em relação às suas companheiras, assim como contra gays e todo o tipo de identidades dissidentes, apontam para valores tradicionais e ainda vigentes em nossa cultura que se entrelaçam com as subjetividades masculinas.

Ambra não para aí; também defende que há uma espécie de “desamparo identitário” (AMBRA, 2021, p.44) masculino que revela não apenas uma necessidade de manutenção de dominação, mas uma crise, ou falta abissal que engendra diversos mecanismos de defesa nos sujeitos - a violência, um deles.

Homem e Calligaris (2019) indicam que as categorias ‘homem’ e ‘mulher’ só conseguiriam existir no âmbito do simbólico, e não em realidades mais amplas e complexas das relações humanas concretas (HOMEM & CALLIGARIS, 2019). Nesse sentido, a contribuição do diálogo entre as ciências sociais e a psicanálise aponta para o questionamento da perspectiva binária sobre o gênero; afinal, o que é um homem ou uma mulher suscita ambiguidade, e não pode ser analisada a partir de uma perspectiva binária uma vez que o gênero, segundo os autores, mostra escancaradamente a separação necessária entre palavra e representação (HOMEM & CALLIGARIS, 2019; AMBRA, 2015).

Diante do que a psicanálise entende como diferenças sexuais, dicotomias entre mente e corpo, escolha objetual, identidade sexual, natureza e cultura, etc., psicólogos e cientistas sociais são convocados na contemporaneidade a pensar categorias como gênero, e aqui especificamente a violência de gênero muito mais como uma construção social/cultural e subjetiva sujeita a transformações, do que como uma categoria rígida ou fixa (BEZERRA, 2023).

O denominador comum entre todos os autores aqui trazidos é que essa estrutura patriarcal (de matriz heteronormativa) é internalizada pelos sujeitos, moldando suas identidades e comportamentos; com isso, a lógica colonial imperialista categoriza determinados grupos em sua função e capacidade produtivas na sociedade, ultra dimensionando mitos que ainda promovem ideais de virilidade, honra e a potência sexual e sociedade (BUTLER, 1990; CORBIN et al., 2016).

Por fim, são Miriam Pillar Grossi e Cristian Darouiche (2025) que indicam a importância de autoras travestis e transexuais para se pensar a necessária insubmissão que pesquisadores podem e devem adotar contra modelos analíticos pré-estabelecidos sobre o gênero, por exemplo.

Portanto, travestis e mulheres trans são de fundamental contribuição para pensar o transfeminicídio na imbricação entre o histórico, o social e o subjetivo numa visada transfeminista e interseccional (BEZERRA, 2023).

Sara Wagner York (2025), Jaqueline de Jesus e Ana Lúcia Galinkin (2015), Letícia Nascimento (2021) e Sofia Favero (2022) são algumas das autoras que abordam questões relacionadas à violência, identidade de gênero, transfeminismo e a luta contra a transfobia no contexto brasileiro tanto no âmbito da educação, dos direitos humanos, do social, e psicológico.

York em sua entrevista à Grossi e Darouiche (2025) indica que no campo da educação ainda há fragilidades a serem combatidas – desde a presença trans nos espaços acadêmicos, até a criação de disciplinas curriculares que engendrem a “importância das transepistemologias para a ética trans-humana, destacando a necessidade de fortalecer a comunidade e oferecer ferramentas para a auto compreensão e a luta política” (WAGNER YORK, GROSSI, DAROUICHE, 2025, p.493).

Favero (2022) ao realizar uma crítica à psicanálise e à psicologia tradicional “carregadas de colonialidade” (FAVERO, 2022, p.166), explora a ideia de como corpos travestis e trans ainda são frequentemente relegados ao lugar de abjeto, associados à sujeira e à exclusão social; a autora argumenta que a violência contra corpos dissidentes da norma é uma herança colonial pautada na tentativa de controle e higienização simbólica de determinados grupos - inclusive dentro da própria prática clínica de alguns psicólogos.

Ainda de acordo com Favero (2022), dispositivos disciplinares buscam nos guiar de volta à categoria “humano” (FAVERO, 2022, p.94), de base estruturada, civil, produtiva e moral, uma vez que o rompimento com esses registros revelaria uma alteridade monstrificada do sujeito; como exemplo, a autora dá a homossexualidade como símbolo da epidemia de AIDS nos anos 1980, a transexualidade como retrato de um trauma na família, e o refugiado como ameaça às oportunidades de uma nação.



Na mesma trilha, Jesus e Galinkin (2015) e Nascimento (2021) auxiliam em refletir como travestis e mulheres trans são frequentemente tratadas então como "estrangeiras do gênero" (NASCIMENTO, 2021, p.49), negadas em suas identidades e excluídas das lutas feministas tradicionais; com isso, as autoras denunciam um "lugar de não-existência" político, social e subjetivo de pessoas travestis e trans.

Nascimento (2021) vai além e expõe ainda que o cis sexismo atravessa existências dissidentes da norma como uma regra que hierarquiza e exclui pessoas trans, reforçando a ideia de que o gênero das pessoas cisgêneras é mais legítimo. A autora, que é travesti, se pergunta: "E eu? Não posso ser uma mulher?" (NASCIMENTO, 2021, p.17).

O denominador que une as autoras para além dos estudos clássicos é esse "não-lugar" do gênero dissidente - imputado inclusive por feministas mais radicais; um não-lugar que relega mulheres, travestis e pessoas trans à ciclos ininterruptos de violência letal no Brasil.

Subjetividade e Violência

Retoma-se rapidamente Bourdieu (1998) para propor, inicialmente nesta seção, reflexões que partem da ideia de que a dominação e a violência contra mulheres não se dá apenas por meio da força física ou leis explícitas, mas principal - e inicialmente - através de um mecanismo sutil, introjetado e poderoso: a violência simbólica.

O conceito bourdieusiano auxilia partir de um ponto importante: a violência física representaria a ponta de um gigantesco iceberg; para Bourdieu (1998), a sociedade é estruturada por um ponto de vista em que o masculino é visto como a norma, o neutro, ao passo que o feminino representa o desvio, a falta. Essa visão, segundo o autor, está incorporada nas instituições, nas palavras e nas divisões sociais do trabalho.

A violência, em suas diversas manifestações, permeia a história da humanidade e continua a ser um desafio persistente nas sociedades contemporâneas (CORBIN et al., 2016; HAN, 2021). Segundo Byung-Chul Han (2021), foi justamente a obstinação humana pela

violência que levou Sigmund Freud a admitir a existência de um impulso para a morte e seu direcionamento a objetos externos; isto é, admitiu-se aí uma subjetividade para a violência (HAN, 2021).

Se - em linhas gerais - na ótica histórico-social, a violência nas sociedades pode ser lida como o resultado de um processo patriarcal-colonial-imperialista (CONNELL, 2005; SEGATO, 2003), na ótica psicanalítica ela ultrapassa a noção de um comportamento desviante ou um ato isolado, para ser entendida através das suas dinâmicas inconscientes e sua constituição subjetiva (SEGATO, 2003; PARRINI, 2014; AMBRA, 2021; FAVERO, 2022; HAN, 2021).

Com isso, o modo arqueológico como opera a pesquisa em psicanálise revela algumas estruturas e funções da violência não tão evidentes, permitindo uma leitura do fenômeno violento que transcende o ato em si e os números, para alcançar alguns significados psíquicos subjacentes (BEZERRA, 2023).

Toma-se aqui a base proposta por Welzer-Lang (2001), em que o autor ressalta a necessidade de não somente ultrapassar a discussão binária homem- mulher, mas a urgência de se entender que a questão da violência abrange inclusive as relações sociais de sexo transversais ao conjunto de pessoas e grupos de gênero. Isto é, essa discussão abrange a todos os sujeitos implicados no mundo. Em última instância, para Welzer-Lang (2001) as análises podem e devem romper com definições naturalistas e/ou essencialistas dos homens.

Subjetividade e o que a psicanálise tem a ver com isso

Este ensaio parte do conceito de subjetividade que conjuga as duas óticas.

Aqui vale ressaltar as contribuições clássicas de Sigmund Freud (1929) e Jacques Lacan (1953) sobre a cultura e a necessidade de considerar a subjetividade de uma época ao se analisar determinados fenômenos; os autores vão além, ao também destacarem a importância da linguagem e do discurso inscritos na relação tempo-espço entre os sujeitos.

Contudo, parece importante neste momento localizar o leitor no tempo e espaço em que as contribuições de Freud e Lacan foram feitas. É sabido que a relação entre o feminismo e a psicanálise tem sido



historicamente complexa e, muitas vezes, marcada por uma tensão considerável (FAVERO, 2022; NASCIMENTO, 2021; BUTLER, 1990). O mesmo ocorre entre as autoras transfeministas (BEZERRA, 2023, 2024).

Desde os anos 1970, diversas teóricas feministas têm criticado a psicanálise, percebendo-a como uma disciplina inerentemente falocêntrica e heteronormativa, que contribuía para a perpetuação de estruturas patriarcais (BUTLER, 1990; SEGATO, 2003; PARRINI, 2014). Essa crítica se baseia na interpretação de que a psicanálise, especialmente em suas formulações freudianas e lacanianas, naturaliza a diferença sexual e as relações de poder baseadas no gênero (BAITINGER, 2019).

No entanto, Judith Butler e Rita Segato - no conjunto de suas obras, tomam a psicanálise como uma ferramenta analítica essencial para seus próprios fins desconstrutivos em relação ao gênero, ao mesmo tempo em que apontam para as limitações e vieses normativos deste saber (BAITINGER, 2019).

Resumidamente, para Freud (1929) a subjetividade é forjada na interseção entre os impulsos individuais e as exigências sociais de uma determinada época e contexto social. Lacan (1954-55) por sua vez, indica que a subjetividade, tomando por base o pensamento freudiano, pode ser compreendida complementarmente como um sistema organizado de símbolos que aspira abranger a totalidade de uma experiência, para assim dar-lhe sentido.

Trata-se então de considerar que a subjetividade humana funda-se no inconsciente estruturado dentro de um determinado contexto social que impõe-se ao sujeito, e pela linguagem que o atravessa.

Lacan vai além e propõe três registros fundamentais de sua teoria - o Real, o Simbólico, e o Imaginário (LACAN, 1975-76). O Real, tido como impossível ou inominável, aquilo que resiste à simbolização e irrompe como trauma. O Simbólico inscrito na ordem da linguagem, das leis e do Outro; o que estrutura o sujeito, seu desejo, seu inconsciente. O Imaginário, por sua vez, o reino da *méconnaissance* (do desconhecimento), das imagens e identificações; a instância fundamental para a formação do Eu através do estágio do espelho (a relação com o Outro), gerando um senso de unidade, mas também de alienação - ou separação de si (MIJOLLA, 2005).

Tanto Lacan e Freud - assim como Butler (1990) posteriormente -, desafiaram a noção de um sujeito unificado e consciente, propondo uma subjetividade descentrada, fundamentalmente moldada pela linguagem (na relação com o Outro) e assombrada pelo Real ou o Infamiliar freudiano. É Freud (1919) que indica que o “*das Unheimliche*” (o infamiliar) é aquilo que aterroriza, suscita angústia e horror.

Ousa-se aqui propor que a subjetividade é este terreno movediço, em constante deslocamento entre as três instâncias instituídas por Lacan (O Real, o Simbólico e o Imaginário) e o Infamiliar aos sujeitos de Freud (BEZERRA, 2023).

Violência: imbricações entre o social, o econômico e o sexual

Curiosamente, segundo Jean Bergeret (1990), o termo “violência” deriva de um radical indo-europeu que designa a vida. O instinto de violência natural não seria, portanto, um instinto de destruição, ainda menos um instinto de morte, mas um instinto natural de vida, de sobrevivência, que corresponde à autoconservação; nesse sentido, a violência poderia ser compreendida como uma defesa do sujeito frente ao que angustia e horroriza (BEZERRA, 2023).

De outro lado, Byung-Chul Han (2021) em sua leitura sobre a violência, e numa perspectiva híbrida entre a história, a sociologia e a psicanálise, indica que o “matar” possui um valor “intrínseco” (HAN, 2021, p.30), uma vez que para o autor, o que domina a economia arcaica da violência é o princípio capitalista, isto é, a economia potencializa o consumo, e o “sobreviver” (HAN, 2021, p.48).

Han não descarta a ideia de que a obstinação humana pela violência levou Freud a admitir a existência de uma pulsão de morte, geradora de impulsos destrutivos “que vão circulando até serem descarregados em um objeto” (HAN, 2021, p.27). Na lógica freudiana, segundo Han, a violência insere-se, portanto, no campo da autoconservação, e não somente no campo da destruição.

Numa rápida leitura de autores no campo da psicanálise, não existe uma teoria psicanalítica específica sobre a violência. Todavia, algumas pistas são fornecidas por Freud e Lacan, especialmente no que tange ao conceito de agressividade.



Ilka Ferrari (2006) indica que Freud (1913) demonstra que a violência estaria na base do laço social através da estrutura da própria linguagem e da castração simbólica na relação do sujeito com o mundo; isto é, em 1913, Freud já dá indícios de que a violência, no contexto da civilização, é fundadora da ordem social e da lei. Tal concepção dialoga diretamente com Welzer-Lang (2001), Bourdieu (1998), Parrini (2014) e Segato (2003).

Diz Ferrari (2006, p.59) que o próprio contrato social, ato simbólico, supõe uma violência pois seu princípio é de um ordem universalizante:

Há, então, uma violência onde o que se viola é uma ordem estabelecida, seja ela considerada da ordem da natureza ou da civilização. Pensá-la de forma simbólica é considerar a violência da própria linguagem sobre o vivente que, ao nascer, encontra o Outro do discurso. Portanto, antes de prosseguir, há de se alertar o leitor a diferenciação que Freud e Lacan fazem dos termos agressividade e violência.

Percebam que a autora realiza uma diferenciação importante entre os termos agressividade e violência.

De modo geral, Ferrari (2006) defende a ideia de que a relação com o mundo seria fundamentalmente agressiva.

Segundo a autora, a agressividade em Freud é constitutiva do Ego e estaria ligada à pulsão de vida (Eros); isto é, ela surge na relação do sujeito com seus objetos e é uma expressão da ordem libidinal, podendo ser sublimada ou recalcada, uma vez que os sujeitos contam com o recurso da palavra e da mediação simbólica.

Em Lacan (1948), a agressividade estaria vinculada ao imaginário e à estrutura do 'eu'; ela emerge no estágio do espelho, na rivalidade especular com o semelhante, sendo constitutiva da primeira individuação do sujeito. É o próprio Lacan que argumenta que não há identificação sem agressividade e vice-versa, e que a relação com o Outro (entendido como um agressor) é fundamentalmente marcada por um descolamento original do Eu; este Outro que se desvela frente ao sujeito, e é insubmisso aos dispositivos disciplinares destoa, assume uma face monstruosa, fantasmagórica.

Certa noite, numa roda de conversa entre homens que se relacionam com mulheres trans e travestis escutei o seguinte diálogo:

Homem 1 - Citação direta: “é um misto, uma confusão que eu sinto, porque é uma mulher, bunda linda, peitos fartos, boca vermelha, e um pau lindo (...), mas coragem de apresentar para a família eu não tenho (...).

Homem 2 - Citação direta: “(...) é mas veja bem, é uma mulher de pau, o cara abriu mão do lugar dele de homem pra ser uma figura que depois que eu gozo, e mato minha vontade, eu não sei o que é! (...) se vier com graça na rua pro meu lado, eu meto como na porrada”.

Nessa perspectiva, a agressividade é uma expressão particular e específica, ligada à relação do sujeito com o mundo; isto é, ela pode ser interpretada e simbolizada pelos sujeitos (FERRARI, 2006).

Consome-se a pornografia proibida (travesti e trans) ou o corpo travesti que se vende na esquina, e depois descarta-se o que se consumiu de modo a eliminar a culpa e a vergonha frente à norma que se impõe; deleta-se o arquivo do histórico do computador, do celular, ofende-se publicamente aqueles insubmissos objetos de desejos privados, ou assassinam-se aquilo que afronta a ordem social.

É neste primeiro momento que chamo atenção para a violência como um sintoma, algo que eclode do sujeito – a passagem ao ato violento – que exprime ou traduz terror, vergonha, culpa, incompreensão.

Contudo, é importante destacar que a violência é abordada por Freud e Lacan de maneiras distintas, mas complementares.

A Teoria das Pulsões e a violência

O pensamento de Jean Bergeret (1990) invoca inicialmente a primeira teoria freudiana das pulsões (1915), marco fundamental para pensar a lógica de Freud sobre o termo violência.

A teoria das pulsões de 1915 foi caracterizada inicialmente por um dualismo fundamental que estabelece uma oposição entre duas classes distintas de forças motivacionais dos sujeitos: as pulsões sexuais (a busca do prazer) e as pulsões de autoconservação (agressividade frente ao perigo). Posteriormente, Freud (1920) introduz dois conceitos essenciais



para se entender atos violentos: o conceito de compulsão à repetição e o de pulsão de morte.

A compulsão à repetição, segundo Freud (1920), é um fenômeno psicológico no qual um indivíduo repete inconscientemente experiências traumáticas passadas, aparentemente na tentativa de dominar, curar ou compreender o evento. Essa repetição pode se manifestar de várias maneiras, como buscar repetidamente relacionamentos abusivos ou engajar-se em comportamentos destrutivos e autodestrutivos. Nessa lógica, a violência poderia surgir como uma forma de defesa, uma tentativa inconsciente de lidar com uma angústia insuportável ou conflitos não elaborados.

A pulsão de morte (do grego: *Thanatos*) é apresentada por Freud (1920) como uma força destrutiva que pode se manifestar tanto contra o outro quanto contra si mesmo. Esta pulsão é compreendida como uma força fundamental que busca o retorno dos sujeitos a um estado primitivo inanimado quando diante de um estímulo incômodo. Resumidamente, esta força, quando desviada a um objeto externo, pode manifestar-se como pulsão de destruição. Não há aqui um lado positivo ou negativo da pulsão de morte; o que há é um objetivo: o de eliminar o incômodo, aquilo da ordem do indizível ou o Infamiliar.

A violência seria, portanto, uma forma de externalizar essa pulsão, permitindo que o sujeito alivie a tensão interna ao descarregar sua energia destrutiva (agressividade) no ambiente externo.

Logo depois, Freud (1929) discute a tensão entre as pulsões individuais e as exigências da civilização - um outro marco na sua obra. Tal movimento promoveu uma torção na visão evolucionista inicial sobre as pulsões do final do século XIX, quando no século XX se conjuga a teoria das pulsões a questões sociais e à relação entre tempo e espaço.

Na ocasião da publicação em 1940 de seu texto inacabado “A cisão do Eu no processo de defesa”, Freud sinaliza que o Eu da criança se encontra a serviço de uma poderosa exigência pulsional, à qual a mesma está acostumada a satisfazer; subitamente a criança é apresentada ao mundo que lhe ensina que a continuidade dessas satisfações guarda consequências, e representa um perigo real a ser vivido.

A partir daí, a criança ou reconhece este perigo curvando-se diante dele e renuncia à satisfação pulsional, ou recusa a realidade e convence-se de que não há nada a temer. O que marca este escrito

freudiano é a indicação do autor de que os sujeitos são marcados por essa cisão ou conflito entre a exigência da pulsão e a reclamação da realidade. Neste contexto, os atos violentos e a agressividade humana (inata do homem, e presente nas manifestações violentas) estariam intimamente ligados a questões conflituosas sociais e éticas vividas pelos indivíduos.

Lacan, ávido leitor de Freud, por sua vez, construiu um pensamento sobre a violência que privilegia a linguagem como vetor. Para Lacan (1948; 1953), a violência estaria ligada ao encontro do vivente com a linguagem, que o mortifica ao submetê-lo à lei dos significantes, e o coloca frente ao Real (aquilo que o sujeito não consegue dar nome); a entrada do sujeito na ordem simbólica exigiria renúncia e alienação (de si), o que poderia gerar entre outras manifestações, a violência como resposta ao impossível de dizer - ou o Real.

A violência, assim, estaria ligada ao real e ao simbólico, sendo mais ampla e menos precisa que a agressividade. Ela seria vista pelo autor como uma reação ao vazio e à angústia numa tentativa de recalcar (eliminar ou esconder temporariamente) a falta estrutural que marca a existência humana frente ao que foge do entendimento do sujeito.

Em outras palavras, a violência se traduziria como um curto-circuito da palavra, uma manifestação sobre aquilo que escapa ao sentido (FERRARI, 2006; BEZERRA, 2023).

A violência como sintoma – para concluir

O referencial teórico aqui abordado indica que o sintoma é a produção de um sinal, ou de um indício de uma perturbação; o próprio termo ‘sintoma’ foi importado da linguagem médica pela psicanálise, no seu sentido etimológico do grego antigo que significa aquilo que acontece junto a algo.

Nesse sentido, Ferrari (2006) e Favero (2022) mais uma vez auxiliam a pensar a violência não apenas como um comportamento, mas como um ato que carrega significados profundos, um ato marcado pela cisão entre desejo e abjeção.



Portanto, um sintoma manifesta-se quando algo não funciona bem na ordem instituída, impedindo o princípio do prazer dos sujeitos. Isso explica (em parte) o porquê consome-se tanta pornografia nos dispositivos eletrônicos, e ao mesmo tempo eliminam-se tantas vidas de travestis e mulheres trans no Brasil. Contudo, a questão não se encerra.

É certo que em sua teoria geral do sintoma, Freud (1899-1904) em uma carta a Wilhelm Fliess o concebeu como uma formação do inconsciente, ou um compromisso que o sujeito faz entre desejos reprimidos e a censura imposta pelo ego e superego. A violência, nesse sentido, pode ser vista como uma emergência de verdade do sujeito que supõe evitar o conflito interior por meio do não-exercício do pensamento através da eliminação da insatisfação por meio de um ato. Uma passagem ao ato.

Tal posicionamento vai ao encontro do diálogo entre Freud e Fliess, onde é possível entender que Freud (1899-1904) via o sintoma representando um retorno do recalcado (do que é proibido e temporariamente afastado na consciência), mas que insiste em se manifestar de formas disfarçadas.

Matar, portanto, nos leva ao que Favero (2022) e Nascimento (2021) dizem sobre o ‘não-lugar’ de corpos que se afastam da matriz binária de gênero. Para Favero (2022) especificamente, a aniquilação ou o cancelamento podem ser compreendidos como uma estratégia defensiva do aparelho psíquico, incapaz de se responsabilizar ou de tolerar no espaço simbólico a existência das ideias do outro (FAVERO, 2022, p.157).

De modo a suscitar discussões futuras, proponho duas últimas questões.

Num contexto patriarcal, de matriz heteronormativa, a violência pode ser uma forma de lidar com afetos insuportáveis e de proteger o indivíduo da fragmentação do self frente à norma social que se impõe.

Contudo, questiono o leitor: como pesquisadores das ciências humanas, podemos também pensar que a aniquilação de travestis e mulheres trans revela a incapacidade do aparelho psíquico de alguns homens de tolerar o desejo por algo foracluído? Marginal?

Nessa ótica, a violência pode ser pensada como o disfarce do desejo recalcado?

A pensar.

Referências Bibliográficas:

AKOTIRENE, Carla (2018), Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

AMBRA, Pedro(2015), O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo: ANNABLUME.

BAITINGER, Frederic, (2019), The Subject of Jouissance: The Late Lacan and Gender and Queer Theories. New York: CUNY.

BARKER, Gary (2016). ¿Violencia masculina o violencia patriarcal? Tendencias globales sobre hombres y violencia. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n. 22, p. 316-330, abr. 2016. Acesso em: 22 Jul.2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.14.a>

BEIRAS, Adriano; NASCIMENTO, Marcos (2017), (Org.). Homens e violência contra as mulheres: pesquisas e intervenções no contexto brasileiro. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

BENEVIDES, Bruna G (2025),. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA.

BERGERET, Jean (1990), *La violencia fundamental*. Madrid: Sombras del origen.

BOURDIEU, Pierre (1998), *La Domination Masculine*. Paris: Les Éditions de Minuit.

BUTLER, Judith, (1990), Gender Trouble. New York: Routledge.



BEZERRA, Vladimir (2023), Por uma arqueologia do transfeminicídio: relações entre masculinidades e a violências letal contra travestis e mulheres trans no Brasil. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Fundação Oswaldo Cruz.
<https://arca.fiocruz.br/items/f5aae2ea-oed8-4f23-ab81-01931654c6e3/full>

BEZERRA, Vladimir et al. (2024), Leituras teórico-políticas sobre o transfeminicídio: transfeminismo e masculinidades hegemônicas.

ACENO - REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE, v. 11, p. 265-280. Acesso em 12 Jul 25. DOI: <https://doi.org/10.48074/aceno.v11i27.18181>

CONNELL, Raewyn (2005). Globalization, imperialism, and masculinities. Em: KIMMEL, S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Orgs.) Handbook of studies on men & masculinities. Thousand Oaks: Sage.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (2016), A History of virility. New York: Columbia Press.

DUARTE, Luiz Fernando Dias (2017), A circulação dos saberes e práticas psicanalíticas nas ciências sociais. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, supl., nov. 2017, p.33-50. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/V8qJwrMqxQp4DyVgVzMkKsv/?lang=pt&format=pdf> . Acessos em 05 Jan 25.

FAVERO, Sofia (2022). Psicologia Suja. Salvador: Devires.

FERRARI, Ilka (2006), Agressividade e Violência. Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol.18, n.2, p.49 – 62.

FREUD, Sigmund (2014), *Civilization and its discontents* (1929). Penguin Classics.

_____ (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1974), Totem e tabu (1913). Obras completas, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1996), As pulsões e suas vicissitudes (1915). Obras completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (2019), O Infamiliar (1919). Obras incompletas. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica.

FOUCAULT, Michel (1984), História da sexualidade II. O Uso dos Prazeres. Paris: Gallimard.

_____ (1984a), História da sexualidade III. O cuidado de Si. Paris: Gallimard.

_____ (2005), Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal.

_____ (2012), A arqueologia do saber. São Paulo: GEN-Forense Universitária.

HAN, Byung-Chul, (2021). Topologia da violência. Petrópolis: Vozes.

HANSBURY, Griffin, 2017, *Unthinkable Anxieties: Reading Transphobic Countertransferences in a Century of Psychoanalytic Writing*. *Transgender Studies Quarterly*, v. 4, n. 3-4, p. 384-404, nov. Disponível em: <http://read.dukeupress.edu/tsq/article-pdf/4/3-4/384/516106/384hansbury.pdf> . Acessos em: 05 Jan 25.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo (2019), Coisa de menina?: uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. São Paulo: Editora Papius.



JESUS, Jaqueline Gomes de; GALINKIN, Ana Lúcia (2015), Gênero e Psicologia Social no Brasil: entre silêncio e diálogo. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 43, pp. 90-103. DOI: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.voio.4482> . Acesso em: 15 Jul 25.

LACAN, Jacques, (1998), *Escritos*. São Paulo: Jorge Zahar.

_____ (1948), A agressividade em psicanálise. Em *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1953), Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1954-55/1985), *O Seminário*, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1975-76/2007), *O Seminário*, livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MEDRADO, Benedito., & LYRA, Jorge (2008), Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809. Acessos em 10 Jul. 25. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>

MIJOLLA, Alain de (2005), *Dicionário internacional da Psicanálise: conceitos, noções, biografias, eventos, instituições*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago.

NASCIMENTO. Leticia (2021), *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaia.

NASCIMENTO, Marcos; CONNELL, Raewyn (2017), *Reflecting on twenty years of Masculinities: an interview with Raewyn Connell*. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 3975-3980. Acesso em: 15 Jul 25. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.27242016>

PARRINI, Rodrigo (2014), *Falotopías: indagaciones en la crueldad y el deseo*. Bogotá: Universidad Central-Iesco y Universidad Nacional Autónoma de México-PUEG.

SCOTT, Joan W (1989), *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York:Columbia University Press.

SEGATO, Rita L (2003). *Las estructuras elementales de la violencia*. Bernal: UNQ.

TAUBNER, Svenja, RABUNG, Sven, BATEMAN, Anthony, FONAGY, Peter (2017), Psychoanalytic Concepts of Violence and Aggression. Em

STURMEY, Peter (2017), *The Wiley Handbook of Violence and Aggression*. London: Wiley-Blackwell.

WAGNER YORK, S.; GROSSI, M. P.; DAROUICHE, C, 2025 Fazendo festa diante do caos Entrevista com Sara Wagner York. Cadernos de Gênero e Diversidade, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 479–496. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/68009>. Acesso em: 11 out. 2025.

WELZER-LANG, Daniel (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>



Violencia y subjetividad: relaciones entre el transfemicidio y el concepto de síntoma en el psicoanálisis

Resumen. Este ensayo teórico defiende la hipótesis de que la violencia, más allá de ser un problema histórico-social, está profundamente entrelazada con las complejas dinámicas del inconsciente humano. Asimismo, defiende la hipótesis de que el transfemicidio puede entenderse como un fenómeno que trasciende la dimensión puramente social, arraigado en el imperialismo, la colonización y el patriarcado, inscribiéndose también en el campo de las subjetividades.

PALABRAS CLAVE: Trans Femicidio; Subjetividad. Violencia.

Vladimir BEZERRA,

Psicólogo clínico e psicanalista, doutor em Saúde Coletiva (IFF-Fiocruz/Período Sanduíche - Universidade do Porto). Tem experiência e interesse em estudos sobre processos grupais e a produção de subjetividades em determinados contextos sociais na perspectiva psicanalítica; também atua em pesquisas com foco em processos de saúde-adoecimento na população LGBTQIA+, em especial em estudos sobre gênero, sexualidade, corporalidades e violência, numa perspectiva crítica, social e interdisciplinar entre a Psicologia, Psicanálise e as Ciências Sociais.

Pesquisador convidado UFRPE (Dadá) / IFF-Fiocruz (GENSEX)

<https://orcid.org/0000-0002-7588-1514>

Recebido em: 12/10/2025

Aprovado em: 02/02/2026